

OS DESAFIOS DE TORNAR-SE PAI NA ADOLESCÊNCIA¹

THE CHALLENGES OF FATHERHOOD IN ADOLESCENCE

Anelise Schmitz Athaide² e Cristina Salling Kruehl³

RESUMO

No presente artigo, tem-se como objetivo analisar estudos nacionais empíricos e teóricos publicados recentemente sobre a experiência da paternidade na adolescência e suas repercussões. Para tanto, foi realizada uma consulta nas bases de dados Lilacs, Scielo e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) através dos descritores paternidade, adolescência e paternidade na adolescência, no período que compreende entre 2006 e 2011. Dentre os dados recolhidos, se sobressaiu a ideia de que os adolescentes que se tornam pais desejam permanecer na companhia de sua companheira e também assumir os cuidados parentais ao filho, ainda que, muitas vezes, não tenham condições financeiras e psicológicas para tanto. A família é avultada como principal fonte de apoio pelos estudos analisados, que também ressaltam a falta de políticas públicas de atenção ao pai adolescente, tendo em vista que grande parte dos programas prioriza a atenção à mulher grávida e mãe.

Palavras-chave: paternidade, psicologia, adolescente.

ABSTRACT

The present article aims to analyze national empirical and theoretical studies recently published about the experience of fatherhood in adolescence and its repercussions. It was consulted the databases Lilacs, Scielo and Virtual Health Library (VHL) through the keywords fatherhood, adolescence and teenage fatherhood, in the issues published from 2006 to 2011. It is highlighted the information that the teenagers who become a father generally wish to remain in the company of their partners and also to take care of the child, although they often do not have sufficient psychological and financial conditions. Family is considered the main source of support. The articles denounce the lack of public policies to support the teenage father, considering that most programs prioritize attention to the pregnant woman and mother.

Keywords: fatherhood, psychology, adolescent.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano.

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano.

INTRODUÇÃO

A literatura da psicologia tem abordado um fenômeno chamado de novas formas de paternidades, o qual se refere à participação mais efetiva do homem no papel de cuidado ao filho. Tendo em vista o interesse acadêmico científico por esse tema, para Levandowski (2001), há uma espécie de recusa em reconhecer a paternidade e a maternidade na adolescência em meio ao cenário das produções científicas, sendo maior a incidência de estudos sobre a maternidade e paternidade em geral, especialmente, a maternidade no mundo adulto.

O entendimento social da adolescência remonta discursos que a abordam como um período do ciclo vital caracterizado por crises (por exemplo, a de identidade), mudanças e angústias. A compreensão da gravidez na adolescência como problema ou desvantagem social relaciona-se com a construção da adolescência como um período de preparação para o mundo adulto, ou seja, um período reservado para a escolarização do jovem (CABRAL, 2003).

Portanto, é essencial ampliar os estudos sobre a paternidade na adolescência, pelo fato dessa experiência ser pouco discutida nesta fase do ciclo vital e, em especial, por se ter uma maior diversidade de pesquisas que enfatizam a maternidade. Tendo em vista tais aspectos, a partir deste artigo objetivou-se analisar estudos nacionais empíricos e teóricos sobre a experiência da paternidade na adolescência e suas repercussões.

A escolha pelo período da adolescência se deu por ser essa uma fase da vida do sujeito que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Desta forma, caracteriza-se por alterações em diversos níveis, representando para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamentos e privilégios típicos da infância e, por outro lado, aproxima-se de características e competências que o capacitam a assumir os deveres e papéis sociais do adulto.

À medida que a sexualidade se faz presente na vida cotidiana e em que os índices de gravidez aumentam entre o público jovem, faz-se relevante uma compilação dos estudos recentes sobre a paternidade na adolescência, a partir da qual se torna possível rever conceitos, possíveis estereótipos e mesmo pensar em estratégias preventivas ao sofrimento psíquico dos atores envolvidos, inclusive mediante políticas públicas que atuem diretamente com vivências relacionadas à gestação e à assistência aos jovens pais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo documental (CRESWELL, 2008), que envolveu a análise de artigos empíricos e teóricos publicados nos últimos cinco anos, portanto, no período 2006-2011, que tinham como enfoque a gravidez e paternidade na adolescência. Para tanto, foi realizada uma consulta nas bases de dados Lilacs, Scielo e Biblioteca Virtual da Saúde, através dos descritores paternidade, adolescência e paternidade na adolescência.

A partir dessas consultas, foram localizados 18 artigos. A fim de atender ao objetivo deste trabalho, foram excluídos artigos repetidos, resumos de capítulos de livro ou referências que não apresentavam o texto completo para consulta ou mesmo referências que não abordavam esse tema com base em aspectos psicossociais, ou aquelas que se encontravam fora do período determinado (2006-2011) e também aqueles que tinham como enfoque somente a experiência de meninas adolescentes. Dessa forma, foram incluídos 11 estudos publicados em língua portuguesa, no referido período de tempo, que investigaram a paternidade ou a parentalidade (referentes à experiência materna e paterna) na adolescência em seus aspectos psicossociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins de análise, os artigos selecionados foram agrupados em duas categorias, a saber, “Tornar-se pai na adolescência: os desafios desta experiência” e “Paternidade na adolescência: a importância da família e da rede de apoio social”. Essa organização foi pensada a partir dos temas mais explorados nos artigos encontrados.

TORNAR-SE PAI NA ADOLESCÊNCIA: OS DESAFIOS DESTA EXPERIÊNCIA

Tornar-se pai na adolescência é uma experiência que tem sido relatada como sendo desafiadora devido às mudanças de hábitos na forma do adolescente agir e se portar perante a sociedade e sobretudo na sua maneira de pensar. Com base na leitura dos artigos localizados, foi possível perceber que estudos analisados ressaltam a importância da presença do pai adolescente junto à mãe que, de um modo geral, também é adolescente, diante a descoberta da gravidez, ou seja, o quanto é fundamental que a figura paterna esteja presente nesse momento na vida da mãe da criança (TOMELERI et al., 2007; CORRÊA; FERRIANI, 2007; WITTER; GUIMARÃES, 2008; MEINCKE; CARRARO, 2009; LUZ; BERNI, 2010).

Os autores Tomeleri et al. (2007) e Corrêa e Ferriani (2007) apontam para a importância de se compreender os sentimentos, expectativas, percepções e vivências de adolescentes homens que experimentam um momento especial de suas vidas: a paternidade. Sobre essa experiência, Tomeleri et al. (2007) destacaram a vivência de jovens pais enquanto acompanhantes das gestantes durante o parto. É importante ser evidenciado que a presença, no momento do nascimento de seu filho, contribuiu para a desmistificação dos temores e sofrimentos dos jovens pais. Ao mesmo tempo, proporcionou a vivência de sentimentos e emoções singulares, que podem favorecer uma maior aproximação afetiva entre pais e filhos.

Além disso, em detrimento de todas as dificuldades enfrentadas por pais adolescentes já mencionadas em diversos estudos, destaca-se o fato de que os autores perceberam que a presença do adolescente junto à mãe do bebê é benéfica tanto para ele quanto para ela. Pois, ele atua como suporte para a sua companheira, confortando-a, tranquilizando-a e acalmando-a

quando esta se encontra no papel de mãe. Portanto, a forma como a paternidade é vivida está em transformação, e a participação do pai na sala de parto está em construção, para que assim torne-se algo comum no meio social.

Sabe-se que a experiência da paternidade sofreu e ainda sofre significativas transformações em decorrência das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas. Assim sendo, os jovens têm cada vez mais oportunidades de vislumbrar a paternidade, mesmo antes de tê-la vivenciado. Sobre esse aspecto, os autores Perosa e Pedro (2009) desenvolveram um estudo que objetivou estudar as perspectivas de jovens universitários da Região Norte do Rio Grande do Sul quanto à paternidade. Investigaram a visão dos estudantes em relação à criação e educação para a paternidade para, assim, identificar como as instituições (família, grupo de amigos, escola) influenciam no seu desenvolvimento e modo de pensar. A fim de alcançar esse objetivo, os autores realizaram uma pesquisa por meio de entrevista individual e técnica de grupo focal, tendo como participantes oito jovens universitários que não haviam vivenciado a experiência da paternidade. As principais considerações indicaram que a paternidade é um assunto que não faz parte da educação desses jovens em nenhuma instância, ou seja, no meio familiar, no grupo de amigos, na escola. Foi identificado que esses jovens querem estar preparados e ter condições financeiras, emocionais e afetivas para o enfrentamento dessa etapa da vida, desejando serem pais envolvidos e estando comprometidos com a criação de seus filhos.

Segundo os mesmos autores, a gravidez na adolescência interfere significativamente na vida dos jovens, pois conduz a uma possibilidade de dividir as responsabilidades financeiras com a companheira, comprometendo-se e envolvendo-se na criação e educação dos filhos. Dessa maneira, o estudo mostra que ter a experiência do tornar-se pai jovem pode levar a uma consequência positiva para o sujeito, lembrando que dará mais responsabilidade e amadurecimento a ele.

Ainda que a experiência da parentalidade potencialize o amadurecimento dos jovens pelo desejo ou necessidade deles de cuidar e amparar a companheira e o filho, algumas pesquisas sinalizam dificuldades enfrentadas pelo adolescente nesse processo. Como exemplo disso, no que tange as características psicossociais dos jovens pais, Shelemberg et al. (2007) afirmam que, na maioria dos casos, esses não possuem trabalho remunerado, tendo assim baixa renda mensal, não podendo exercer a chefia da família, quando comparados a pais adultos. Os mesmos autores sugerem que pais adolescentes preocupam-se com o desemprego, com a possibilidade de não poder conviver com a criança e com o surgimento de conflitos com a parceira, sentimentos que denotam um interesse pelo relacionamento com a companheira e acompanhamento do filho. Entretanto, suas expectativas tendem a não condizer com a realidade e a inabilidade de conciliar as características da adolescência com as responsabilidades da nova condição, o que aumenta a probabilidade de insucesso da paternidade. Os autores sugerem que, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos jovens pais, esses fornecem menos apoio financeiro e afetivo à parceira e à criança quando comparados aos pais que não estão na fase da adolescência.

Ainda, considerando as dificuldades enfrentadas pelos jovens pais, para Almeida e Hardy (2007), a socialização de gênero nos moldes tradicionais, tendo como evidência no gênero masculino a ausência dos papéis relativos ao cuidado consigo próprio e com os outros, inserem o homem jovem na condição de vulnerabilidade para a paternidade, em virtude de que o cuidado ao outro é condição necessária à prática parental.

Para além do que é instituído socialmente, Levandowski, Piccinini e Lopes (2009) sugerem que tanto a experiência de ser adolescente quanto a vivência da paternidade nesta fase da vida relacionam-se com a história pessoal dos jovens. Ainda ressaltam que tornar-se pai na adolescência promove, no jovem, uma reavaliação das relações tanto reais quanto fantasiosas com os próprios pais, auxiliando na elaboração do novo papel parental.

Portanto, tornar-se pai na adolescência é uma experiência nova e intensa vivida por esses meninos, a qual pode ter consequências positivas e negativas para a sua vida. Quanto aos aspectos negativos, se sobressaem aqueles referentes às dificuldades para conciliar os estudos ao trabalho; a formação e qualificação profissional aos cuidados ao bebê e a companheira.

Já no que se refere aos positivos, ressalta-se a oportunidade de amadurecimento psicológico, pela assunção de novas responsabilidades.

PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA REDE DE APOIO SOCIAL

Tendo em vista os desafios da paternidade na adolescência supracitados, torna-se relevante discutir as alternativas de apoio encontradas pelo jovem ao longo do percurso que envolve o processo de tornar-se pai. Algumas pesquisas enfatizam a ideia da importância da família no contexto da paternidade na adolescência (CORRÊA; FERRIANI, 2007; LUZ; BERNI, 2010; SCHELEMBERG et al., 2007), ou seja, a família tem papel fundamental enquanto suporte emocional e financeiro para esses jovens, independentemente das condições de vida a que esteja exposto o seu núcleo familiar.

Corrêa e Ferriani (2007) destacam a importância de o pai adolescente ter a possibilidade de contar com uma rede de apoio social diversificada, composta pela família, escola, amigos, comunidade, e os serviços de saúde. Portanto, além do apoio familiar, a assistência de serviços de saúde é fundamental para o jovem que se torna pai, ainda que os serviços de saúde que prestam assistência à gravidez na adolescência, na maioria dos casos, sejam voltados ao atendimento às adolescentes, através do pré-natal, elaborado nos padrões propostos pelo modelo clínico de atenção à saúde.

Os pesquisadores referidos chegaram a esta conclusão a partir de um estudo desenvolvido com o objetivo de refletir acerca da forma como os serviços de saúde se organizam para atender às demandas surgidas a partir da vivência da gravidez e paternidade adolescente. Para além do exposto, os achados da pesquisa deflagram que a experiência de gravidez e a paternidade na adolescência

exigem a criação de novas políticas e normas para a organização de serviços introduzindo a figura do homem adolescente, com suas diferenças, como pessoa que demanda os serviços de saúde.

Os estudos e as ações voltadas à atenção a gravidez na adolescência têm centrado o pai adolescente em um espaço social à margem de reflexões e ações que o ajudem no enfrentamento dessa nova etapa da sua vida, já que o novo papel de pai exigirá adaptações e mudanças nas formas de sua experiência cotidiana. Tais ideias são expostas no estudo desenvolvido por Meincke et al. (2011), que teve como principal objetivo traçar o perfil sociodemográfico e econômico de pais adolescentes vinculados as adolescentes internadas em um hospital de referência para gestações de alto risco, no município de João Pessoa-PB. Sobre as práticas de atenção à saúde dos jovens pais e mães, os autores destacam que a gravidez na adolescência é um acontecimento analisado prioritariamente naquilo que tange a experiência feminina e não terá efetiva resolução se não for dada maior atenção ao gênero masculino. Portanto, torna-se necessário a construção de um lugar social para a paternidade, sobretudo nesta etapa da adolescência.

Reitera-se que, em geral, os serviços de saúde, que prestam assistência à gravidez na adolescência, são voltados ao atendimento às adolescentes mulheres, seja através do pré-natal convencional, elaborado nos moldes propostos pelo modelo clínico de atenção à saúde, seja através de serviços que apontam novas propostas de assistência a essa parcela da população. Diante disso, considerou-se que a organização de serviços de saúde não vem sendo estruturada de forma a inserir o pai adolescente na assistência pré-natal proposta, de maneira que esse pai, então, permanece em segundo plano no processo de gravidez, maternidade e paternidade. Lidar com a paternidade na adolescência, como parte integrante do processo de gestação, iria favorecer o surgimento de serviços que prestam atendimento às questões gerais, que envolvem a vida de homens adolescentes que apresentam necessidades relativas ao processo de gestação e à paternidade, tratando-se de várias mudanças que acontecem na vida após e durante o período de gestação.

Tendo em vista o acesso à informação e a autonomia dos adolescentes em relação a sua sexualidade e planejamento da parentalidade, Orlandi e Toneli (2008) pesquisaram o comportamento preventivo em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), e a dificuldade do jovem rapaz de lidar ou negociar com a parceira o uso de métodos contraceptivos. O objetivo principal desse estudo foi investigar algumas das repercussões da paternidade no cotidiano de adolescentes pais, visando contribuir para a elaboração de políticas públicas e a prevenção de DSTs, informando os jovens sobre os cuidados fundamentais. Pode-se verificar que dois dos oito participantes haviam planejado a gestação junto à companheira e cinco deles não haviam planejado, mas consideravam o filho desejado. Apenas um participante não considerou a paternidade planejada nem desejada, mas ainda assim considerou-se feliz por estar em seu papel de pai, cuidador. Foi verificado também que todos os jovens, com maior ou menor programação, já haviam vislumbrado a paternidade em um momento anterior à gravidez das parceiras.

Em relação à elaboração de políticas públicas que visem à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, os autores destacam que a adesão ao uso do preservativo não foi abordada no discurso desses jovens, e, quando mencionada, foi tratada como uma preocupação secundária. Dessa forma, a questão do sexo seguro foi rapidamente contornada, tendo-se como pano de fundo a relação de confiança entre o casal, mesmo havendo relatos de infidelidade ou desconfiança e ciúmes acentuados entre os casais. O estudo assinala, portanto, a necessidade de negociação do jovem com a parceira quanto ao uso de métodos contraceptivos ou preventivos, denunciando a carência de políticas públicas voltadas para a emancipação da população jovem no que diz respeito ao campo dos direitos sexuais e reprodutivos. Ainda sugere-se que se deva oportunizar aos adolescentes um espaço voltado ao acesso à informação e ao debate sobre aspectos envolvidos no exercício da sexualidade, assim como as relações de gênero que reduzem a negociação das práticas de comportamento preventivo, incluindo a reflexão sobre os seus projetos de vida, suas vulnerabilidades e seus direitos.

Já se mencionou anteriormente que a família é a principal fonte de apoio aos adolescentes quando esses se tornam pais, portanto, destaca-se a relevância do estudo desenvolvido por Meincke e Carraro (2009) que teve como objetivo averiguar os sentimentos da família do pai adolescente na vivência da paternidade. Os participantes, que tinham idade inferior a 20 anos, com experiência de ter vivenciado ou estar vivenciando a paternidade na adolescência, responderam a uma entrevista sobre o acompanhamento à gestação. O estudo concluiu que esses pais adolescentes procuraram vivenciar e exercer a paternidade se adaptando à nova situação em que eles se encontravam, enfatizando sentimentos positivos apesar das mudanças que aconteceram em suas vidas. Considerou-se que a valorização da figura do homem adolescente e daquele que é pai, estimulando à inclusão do mesmo como participante em todas as fases do ciclo da paternidade e para tanto, torna-se relevante o apoio familiar.

Por fim, sobressai a compreensão de que o apoio familiar é importante para o pai adolescente, pois é na família, de um modo geral, que ele busca tanto apoio financeiro, para arcar com as necessidades do filho que está para nascer, já que a maioria desses jovens não tem profissão e nem nível de escolaridade compatível com as exigências de mercado; quanto apoio psicológico e social, pois ainda não possui recursos emocionais e suporte para lidar com a nova situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que este trabalho objetivou analisar estudos sobre a experiência da paternidade na adolescência, pode-se destacar que muitos jovens nesta fase da vida, ao tornarem-se pais, não têm trabalho remunerado, nem um grau de escolaridade que os possibilitem arcar com o sustento financeiro do filho. Dessa forma, a família do jovem pai tende a auxiliá-lo financeiramente, bem como fornecendo apoio psicológico para que ele consiga lidar com a parentalidade. A família é

avultada como principal fonte de apoio pelos estudos aqui analisados, que também ressaltam a falta de políticas públicas de atenção ao pai adolescente, tendo em vista que grande parte dos programas prioriza atenção à mulher grávida e mãe.

A respeito da experiência da paternidade, se sobressaiu a ideia de que os adolescentes que se tornam pais desejam permanecer na companhia de sua companheira e também assumir os cuidados parentais ao filho, ainda que, muitas vezes, não tenham condições financeiras e psicológicas para tanto. Quanto às repercussões dessa assunção, alguns estudos sinalizam para o amadurecimento do jovem que tem como sua responsabilidade a vida de um bebê, as mudanças em seu meio social e em sua vida como um todo, com destaque para a busca de emprego para o sustento da criança.

Outra questão que aparece discutida neste trabalho se refere à importância tanto para a mãe adolescente quanto para o bebê, que o jovem pai esteja presente durante a gestação, parto e desenvolvimento do filho. Dessa maneira, os laços familiares são fortalecidos e há o favorecimento do enfrentamento do jovem casal em relação as adversidades que podem surgir.

É inegável alto índice de jovens adolescentes que nessa etapa da sua vida tornam-se pais e mães. Portanto, enfatizamos a importância de que se ampliem as investigações sobre a temática, com destaque à experiência masculina e à criação de estratégias de atenção voltadas para jovens pais. Em detrimento da escassez de pesquisas nacionais que investiguem a experiência do pai adolescente, almejamos que a compilação de estudos recentes, realizada neste trabalho, possa auxiliar os profissionais da saúde e assistência que se interessam pelo tema e têm o desafio diário de atender a esta população.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. F.; HARDY, E. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Saúde Pública**, São Paulo - SP, v. 41, n. 4, p. 565-72, 2007.
- CABRAL, C. S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro - RJ, v. 19, n. 2, p. 283-292, 2003.
- CORRÊA, A. C.; FERRIANI, M. C. Paternidade e adolescência: um desafio a ser enfrentado pelos serviços de saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, v. 6, n. 2, p. 157-163, 2007.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.
- LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos Psicológicos**, Porto Alegre - RS, v. 6, n. 2, p. 195-209, 2001.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. S. O Processo de separação-individação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre - RS, v. 22, n. 3, p. 353-361, 2009.

LUZ, A. M.; BERNI, N. I. In: MEINCKE, S. M. K. et al. Perfil sócio demográfico e econômico de pais adolescentes. **Rev. enferm.**, UERJ. v. 19, n. 3, p. 452-6, 2011.

MEINCKE S. M, CARRARO T. E. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. **Texto contexto - enferm.**, v. 18, n. 1, p. 83-91, 2009.

ORLANDI, R.; TONELI, M. J. F. Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. **Psicologia em Estudo**, Maringá - PR, v. 13, n. 2, p. 317-26, 2008.

PEROSA, C. T.; PEDRO, E. N. R. Perspectivas de jovens universitários da Região Norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade. **Rev. esc. enferm.**, v. 43, n. 2, p. 300-306, 2009.

SCHELEMBERG J. M. et al. Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 36, n. 2, p. 62-68, 2007.

TOMELERI K, R et al. “Eu vi meu filho nascer”: vivência dos pais na sala de parto. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre - RS, v. 28, n. 4, p. 497-504, 2007.

WITTER G. P.; GUMARÃES, E. A. Percepções de adolescentes grávidas em relação a seus familiares e parceiros. **Psicol. ciênc.**, v. 28, n. 3, p. 548-557, 2008.

